

O CONCERTO DE Guilhermina Suggia

constituiu um maravilhoso espectáculo musical

Suggia que toca para Londres no Albert Hall, Suggia que tem o seu retrato pintado na National Gallery Art esteve na segunda feira em Coimbra.

Acontecimento musical de assinalado relevo pode considerar-se a noite de 2.^a feira do Avenida que registou a maior enchente da temporada.

Mais uma vez o Circulo de Cultura Musical nos brindou com um espectáculo inolvidável, continuando assim a cumprir a magnífica missão em que se empenhou de tornar conhecidos entre nós os artistas de renome.

Não é porém esse o caso de Guilhermina Suggia porque ela é já mundialmente conhecida, já pela critica internacional, já pelos espectáculos realizados nomeadamente em San Carlos ou transmitidos pela E. N. e pela B. B. C.

Mas Coimbra foi no dia 3 que teve pela primeira vez a dita de ouvi-la e daí o interesse despertado e o entusiasmo dos aplausos tributados à virtuose.

Falar sobre a interpretação de Suggia? E' difícil. Sabemos que ela põe na música mais que a sua alma, porque ela vive o que toca. O violoncelo é a sua eloquente forma de dizer, nos recortes maravilhosos da Tartini ou nos compassos cheios de notas de Rachmaninoff.

O programa que nos apresentou na segunda-feira estabilizava-se entre o equilíbrio e o gosto do público. Nem muito profundo, nem muito corriqueiro.

Para quê destacar na primeira parte a Siciliana de von Paradis ou o Rondó de Boccherini se todas as partituras foram interpretadas com o mesmo sentimento, sem uma quebra de entusiasmo, sempre igualmente melodiosas?

Uma das sonatas do russo Rachmaninoff preencheu a 2.^a parte e Bach a 3.^a. Deste queremos destacar a suite em dó em que para nós Suggia foi magistral. A destacar a Sarabanda e a Giga onde o espectador conseguiu sair da dureza que Bach traz até nós, muito principalmente nos vulgares concertos de Câmara. Cada momento devia ter sido estudado com cuidado e atenção pois deu-nos a impressão de ver a cor do sentimento do compositor em cada passagem do arco pelas cordas do violoncelo.

Terminou o concerto com quatro composições muito conhecidas e que por isso o público mais gosta. E' facto que a maior parte dos aplausos que se ouvem traduzem mais um «fair play» de imitação ou parecer bem, do que a expressão do que verdadeiramente se percebe. Após um réve, de Faure, a Serejata espanhola de Glazunoff, a Habanera de Ravel e a Dança do Fogo de Manuel de Falla constituíram um magnifico ponto final.

Este bailado do «Amor Bruxo» do compositor espanhol, mostramos outra faceta da artista que a rádio até aqui não nos tinha deixado perceber inteiramente: E' que Suggia mostrou aqui sair para

além da vulgaridade do som, parece que rebuscando outros efeitos que até nos impressionaram como se a Dança do Fogo fosse coisa nova.

Berta Alves de Sousa, acompanhou ao piano sempre com a descrição devida e de maneira que pode considerar-se brilhante.

Concerteza Julio Klengel deve ser considerado um grande professor só por ter conseguido aperfeiçoar assim a tecnica da sua discipula.

O ano de 1947 começou bem para Coimbra. A seguir aos «Pequenos Cantores de Viena», a noite do dia 3. Esperamos que a época continue como estes factos fazem augurar.

M. M. S.